

A ICONOGRAFIA INDÍGENA NA ÓTICA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: IMAGEM, IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO

*Libiane Cargnin de Lima, Cirilo Nunes da Silva, Saul Eduardo Seiguer Milder
(orientador)*

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)/Departamento de História, Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (LEPA), Rua Floriano Peixoto, 1184, anexo Antiga Reitoria, centro Santa Maria-RS, cep. 97105372, tel. 32209240, e-mail: libianelima@yahoo.com.br ; cirilonunes@yahoo.com.br ; milderbr@yahoo.com.br

Resumo- Este trabalho visou trazer alguns resultados da pesquisa sobre a iconografia indígena nos livros didáticos de História desenvolvidas, em uma associação entre acadêmicos do Curso de História da UFSM e estagiários do LEPA/UFSM. As pesquisas giram em torno da imagem dos povos nativo-americanos, suas culturas e de como se dão suas construções e associações nos materiais didáticos. Busca-se refletir sobre as questões de preconceitos e estereótipos, entre outros equívocos, que se criaram, e ainda se mantém, como resultado de um processo de dominação e aculturação feito pelos povos europeus, a partir do século XVI. Trata-se de tentar adentrar o ambiente de ensino-aprendizagem e integrar as pesquisas acadêmicas ao cotidiano escolar.

Palavras-chave: Índios, Livros Didáticos, Iconografia
Área do Conhecimento: Educação

Introdução

Este trabalho é resultado de pesquisas sobre a Iconografia Indígena nos livros didáticos de História, dos Ensinos Fundamental e Médio, utilizados na rede pública de ensino da cidade de Santa Maria/RS. São desenvolvidas há cerca de cinco anos, e ainda estão em andamento, em uma associação entre estudos realizados por acadêmicos do Curso de História da UFSM e estagiários do LEPA/UFSM. Reflete-se através das imagens sobre preconceitos e estereótipos, sobre os povos nativo-americanos, mantidos na realidade atual, entre outros equívocos, que se criaram como resultado de um processo de dominação e aculturação feito pelos povos europeus, desde o século XVI.

A escolha desse tema esteve associada a questões atuais e sociais, uma vez que estas sociedades nos são contemporâneas e fruto de um processo de etnocídio iniciado já nos primeiros contatos com as nações européias. Contudo, o ponto ressaltado insere-se diretamente na questão educacional que se tornou o enfoque principal da pesquisa, pois todas essas questões atuais e sociais são refletidas no material didático usado pelas escolas. Em muitos casos, não é feita a devida reflexão sobre este material, pois é, em geral, visto como fonte segura de conhecimento. Nesse sentido, os livros didáticos, e conseqüentemente os elementos que os constituem (textos, imagens, figuras, etc.), podem parecer, muitas vezes, livres de influências de natureza ideológica que, entretanto, permeiam toda a produção do conhecimento.

É a partir da entrada européia no continente americano que são registradas as primeiras representações, textuais e visuais, dos índios e de suas culturas. Já nestas construções iniciais, surgem as primeiras deturpações e estereótipos. As mais difundidas são dos indígenas: "genéricos", "a - históricos", "bons selvagens" ou dos antípodas "canibais" e "antropófagos". A própria denominação genérica de "índio" para os nativo-americanos. Em muitos casos, estas deturpações sobre as sociedades indígenas estão associadas a um processo de etnocídio e serviram de justificativa para que os colonizadores europeus pudessem dizimá-los, inclusive culturalmente, e expulsar estes de seus territórios para apossarem-se dos mesmos. Assim, estas diversas representações dos índios foram se processando ao longo de toda a história, tanto do Brasil, quanto da América, até os dias atuais, e são parte integrante dos materiais didáticos destinados ao ensino, especialmente da história.

Observou-se, nas imagens escolhidas para compor esse estudo, se ocorria relação ou não com o texto apresentado. E ainda procurou-se perceber em que momento histórico tais imagens foram construídas e se isso se reflete nas mesmas, bem como, se nelas contém algum tipo de mensagem ou conteúdo significativo implícito e/ou explícito, tais como tendências político-ideológicas, interesses individuais, de grupo, conceitos ou pré-conceitos.

Materiais e Métodos

Esse trabalho está vinculado ao Programa de Licenciaturas da Universidade Federal de Santa Maria (PROLICEN/UFSM). Para o desenvolvimento deste estudo, buscou-se o diálogo com educadores e educandos sobre a questão indígena no Brasil, sua representação e as suas problemáticas, discutindo a utilização e a validade de tais materiais no processo de ensino-aprendizagem crítico, proporcionando, dessa forma, à academia, o contato direto com a realidade escolar. Selecionaram-se escolas da rede pública de ensino de Santa Maria/RS, todas do Ensino público, sendo uma delas possuidora de turmas de EJA (Ensino de Jovens e Adultos), nas quais se realizaram os primeiros trabalhos.

Esses contatos nos mostraram um panorama geral dos tipos de livros e de como eles estão sendo trabalhados, ou seja, de que forma os educadores estão utilizando os livros didáticos de história para tratar a questão indígena com seus educandos. Acredita-se que é basicamente esse trabalho integrado com as escolas que nos proporciona avanços significativos no sentido da desmitificação do tema e, ao mesmo tempo, colabora na construção de uma idéia crítica e reflexiva sobre o material didático que pode e deve ser feita tanto por docentes quanto por discentes.

Em relação à questão teórica norteadora do projeto procurou-se conduzir as análises observando a construção, a circulação e a utilização de imagens enquanto portadoras de conteúdos significativos. Entre alguns referenciais centrais destacamos autores como Marc Ferro com a obra *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação*, e Décio Gatti Júnior com *A escrita escolar da História*. Entretanto, no último ano acrescentaram-se novos referenciais, como o livro *O Óbvio e o Obtuso* de Roland Barthes, *Os Senhores do Litoral*, de Mário Maestri, *A noção de cultura nas Ciências Sociais* de Denys Cuhe e *A mundialização da cultura* de Jean-Pierre Warnier. Barthes, assim como Ferro, trabalha com a questão da construção de diferentes tipos de imagens na história, sendo estas agentes de transmissão, ainda que de forma implícita, de mensagens e conteúdos de determinados grupos. Merecendo, portanto, grande relevância neste estudo.

Analisaram-se tanto os livros didáticos de História utilizados pelos professores em sala de aula quanto àqueles disponíveis para a pesquisa nas bibliotecas e acervos das escolas, uma vez que nem todos os educadores utilizam um único livro apenas ou o utilizam integralmente durante o ano. Verificou-se em cada livro as imagens referentes aos grupos indígenas, constatou-se

que estas se encontravam entre os mais diversos capítulos, em especial naqueles referentes à “descoberta” da América, do Brasil e nos que tratavam dos primeiros contatos entre europeus e ameríndios.

Resultados

Em 2006 a quantidade de imagens analisadas chegou a um total de 75. Foi o mais alto índice de análises durante os vários anos da pesquisa. Boa parte desse êxito se deve ao fato de ter-se usado uma ficha técnica de análise, previamente construída, e que deu uma dinâmica maior para os trabalhos. Em cada aspecto considerado nas fichas, pudemos observar de forma mais global questões relacionadas com a inserção das imagens nos livros didáticos, sua relação com o elemento textual e de que forma é apropriada, sob um ponto de vista pedagógico.

O tipo de imagem predominante nos materiais didáticos ainda são as pinturas. Vemos que, quando apresentada com os devidos referenciais de produção (período histórico em que foi feita, qual a intenção e quem foi o responsável), a pintura torna-se um excelente agente de construção de um processo de ensino-aprendizagem rico e variado, sem, entretanto, gerar lacunas ou compreensões parciais. Pois segundo Warnier não há cultura-tradição que não seja ligada a uma dada sociedade, histórica e geograficamente situada (WARNIER, 2000)

Já no que diz respeito às fotografias, estas vêm adquirindo cada vez mais espaço junto aos livros didáticos. Esse recurso rompe com o hábito de representação dos índios apenas no pretérito, como se eles não existissem mais na atualidade.

Ainda que indiretamente estas ações atendem a determinados interesses, sobretudo no Brasil atual, onde grande parte das terras dos índios não estão demarcadas, e as poucas demarcadas são constantemente cobiçadas, constatando-se assim que algumas culturas ainda estão pouco a pouco sendo suprimidas.

Também são apresentadas algumas gravuras, destacando-se as de viajantes europeus, que em geral já são consagradas nos materiais didáticos, além de alguns desenhos (muitos dos quais produzidos exclusivamente para as obras). No que tange a questão do referenciamento das imagens utilizadas nos livros didáticos ainda existem persistentes problemas.

As imagens, por si só, podem produzir equívocos e deturpações na forma como são vistos os indígenas. Para tanto, é essencial que elas contenham notas explicativas que busquem situar as imagens trabalhadas historicamente, tratem do seu sentido e por quem foram produzidas. Entretanto é grande o número de imagens que apresentam referências incompletas, além daquelas que nem sequer possuem uma.

Em geral, as primeiras imagens historicamente produzidas remetem ainda aos primeiros contatos entre europeus e nativos da América. Apesar de neste período o número de indígenas existentes na totalidade do continente não poder lhe conferir a característica de minoria étnica, o que acontece na atualidade, estes eram registrados sob a ótica do europeu, produtores dos registros históricos. Ou seja, predominava a valorização do “exótico” ou diverso à cultura européia, assim como uma idéia generalista e/ou estereotipada em relação aos índios. Percebemos que ainda existem alguns destes conceitos dentro da forma como se apresentam os indígenas nos materiais didáticos atuais, sendo que o exotismo em relação ao indígena se deve a sua singularidade. Ainda que a situação sócio-política tenha se alterado, os indígenas continuaram sendo marginalizados. Artistas continuaram a produzir imagens, desta vez tendo como objetivo o mercado editorial, desconsiderando a diversidade e peculiaridade dos inúmeros grupos étnicos existentes.

Grande parte dos livros não esclarece devidamente o processo de aculturação sofrido por esses povos nos textos e também peca pela ausência de legendas com as devidas informações sobre a sua procedência das imagens e o contexto de produção das representações. Em geral, elas servem como mera ilustração, não sendo, portanto, considerada a sua relevância didática e o próprio trabalho, ideologizado, do artista que a produziu.

Quanto à relação entre os elementos textuais e visuais, suas mensagens, complementaridade e inserção, puderam ser verificadas algumas melhoras. Houve um significativo aumento do número de imagens com mensagens que estão em relação complementar à mensagem presentes nos textos. Ainda assim, é grande o número de imagens que possuem a função meramente ilustrativa no texto ao qual estão vinculadas (quando não anula por completo) a possibilidade de acréscimo de informações no processo de ensino-aprendizagem.

Novos horizontes puderam ser vislumbrados a partir dos resultados das análises relatadas. Houve um perceptível aumento na qualidade da produção dos materiais didáticos analisados ao longo dos anos.

Discussão

Com a adoção de novos pressupostos presentes nas obras, utilizadas como referência, pôde-se considerar as questões que envolvem a iconografia sob uma nova perspectiva. É o caso do livro *A mundialização da cultura* de Jean-Pierre Warnier. A partir desse, analisamos de forma objetiva e clara a relação de troca e contato entre as diversas culturas, ao mesmo tempo em que discutimos como estas são criadas, apropriadas, transmitidas e valorizadas, entre outros aspectos (em especial no mundo globalizado). Warnier também perpassa a destruição proposital de algumas culturas definidas por ele como “culturas-tradicionais”. Mostra como certas ações destrutivas, ditas por alguns como naturais ou não intencionais, são nada mais do que ferramentas de conquista via destruição dos autodenominados civilizados.

Já Roland Barthes em seu trabalho, *O óbvio e o Obtuso*, busca evidenciar os elementos que podem ser apreendidos através de uma análise semiológica de imagens, músicas e outras representações de comunicação criadas pelo homem.

Em relação à iconografia indígena, esse tipo de idéia é muito pertinente uma vez que as imagens que lhes representam são, em geral, produzidas por europeus e para europeus, onde o conhecimento que sobra da cultura do outro é quase nula. Mais do que aquilo que se vê, as imagens contêm signos que se ligam a nossa percepção de formas, muitas vezes, pouco perceptíveis por nossas cargas culturais particulares, e assim mais fortemente nos atingem alcançando suas reais intenções.

O livro *A noção de cultura nas ciências sociais* de Denys Cuhe, por sua vez, nos mostra os vários conceitos de cultura elaborados desde o surgimento de sua idéia no século XVIII. Mostra-nos quão controversa e multifacetada é essa concepção de cultura, que normalmente é utilizada pelos meios de informação sendo, em realidade, bem mais complexa do que aparenta. Isso é fundamental no trabalho com imagens, pois estas são “identificadoras” (no conceito de Warnier) e como tais definem grupos culturais, suas características e os diferenciais entre eles, bem como abrange o agente produtor que se expressa de forma subjetiva.

Já Mário Maestri ao trabalhar o contato entre os primeiros europeus e os povos que habitavam o litoral brasileiro, especialmente os Tupinambás, fala da mudança entre as visões sobre os povos nativo-americanos. Mostra-nos ele que é na documentação do século XVI que são construídas as primeiras representações desses grupos.

Entre as principais fontes, destacadas por Maestri, estão os relatos de viajantes e artistas do século XVI, além de correspondências de jesuítas que começavam a chegar ao Brasil a partir de 1549.

Maestri observa, no processo de conquista do Brasil, especificamente litorâneo, que se necessitava da mesma forma, o domínio ideológico dos povos das regiões colonizadas pela Coroa lusitana. Devia-se convencer a toda população brasileira da superioridade da civilização portuguesa a qual seria a portadora da dita “cultura oficial” a ser seguida. Segundo Maestri forjava-se “no cadinho do preconceito” o discurso dos colonizadores sobre o homem americano. Para a historiografia brasileira, índio continua sendo uma abstração e uma realidade social genérica, indivíduos conhecidos sempre no coletivo. Permanecem eternamente personagens sem rosto, povos à margem da história.

Através das análises bibliográficas pode-se entender melhor os motivos e as conjunturas desse processo de aculturação e gradual extinção das culturas indígenas. E assim contribuir, não só para melhorar a qualidade do livro, mas também utilizá-lo adequadamente evitando a perpetuação de noções discriminadoras e ofensivas a esses grupos.

Conclusão

Observou-se através das análises imagéticas que mudanças na forma como os meios educacionais representam os indígenas são possíveis. Ao longo dos anos, melhoras puderam ser percebidas nos livros didáticos destinados aos ensinos Fundamental e Médio, não só em função de mudanças no plano sócio-político do país, mas também pelo desenvolvimento de pesquisas científicas consistentes na área do ensino de História, e outras disciplinas, que contribuíram para tanto.

Reforçamos a convicção de que se tem muito a fazer para que os índios e sua cultura sejam representados sem distorções ou equívocos no meio escolar, o que só será possível com uma maior aproximação entre a realidade das pesquisas acadêmicas e a realidade escolar brasileira.

Referências

- BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: História e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

- FERRO, Marc. **A manipulação da História no Ensino e nos meios de comunicação**. A História dos dominados em todo mundo. São Paulo: IBRASA, 1983.

- GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da História**. Livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru, SP: EDUSC, 2004.

- MAESTRI, Mário. **Os Senhores do Litoral**. Conquista Portuguesa e Agonia Tupinambá no litoral Brasileiro (século XVI). 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

- PORTO ALEGRE, Maria S. **Imagem e Representação do Índio no século XIX**. São Paulo: 1998.

- WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. BAURU: EDUSC, 2000.

- ZIEBELL, Zinka. **Terra de canibais**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002, 1ª edição.